

# **BICHOS: VIVOS, MANSOS E BRAVIOS, LOUVADOS E PROSCRITOS**

## **ANIMALS: ALIVE, MEEK AND BRAVE, PRAISED AND EXPELLED**

Carlos Augusto Ribeiro

Universidade Nova de Lisboa

IELT / NOVA FCSH

ORCID 0000-0001-7146-8629

**Resumo:** A partir das recolhas de medicina popular realizadas por Michel Giacometti, apresenta-se neste texto uma seleção de receitas que se servem de uma diversidade de animais pertencentes à fauna Portuguesa. A título de exemplo, foram escolhidas receitas relacionadas com a área da dermatologia. O leitor irá certamente ficar surpreendido com os mais inesperados modos de tratamento das doenças da pele. São também apresentadas receitas para diversos momentos da vida, seja na doença ou na prevenção da doença, seja na gravidez ou no pós-parto, ou ainda na manutenção da saúde dos rebanhos e dos animais domésticos.

**Palavras-chave:** Giacometti, medicina tradicional, dermatologia.

**Abstract:** Starting with the collected texts on folk medicine carried out by Michel Giacometti, this text presents a selection of prescriptions which use a variety of animals belonging to the Portuguese fauna. Just to give some examples, prescriptions related with dermatology were chosen. The reader will certainly be surprised by the most unexpected ways of treating diseases of the skin. Prescriptions for different moments of life are also presented, whether for disease prevention or during illness, pregnancy or postpartum, or even to maintain the health of herds and domestic animals.

**Keywords:** Giacometti, traditional medicine, dermatology.

## Introdução

Entre este nosso texto e o capítulo anterior há um propósito comum: a análise de secções do corpus de receitas de medicina rústica, proveniente de Portugal Continental e Insular dos séculos XIX e XX, coligido na obra *Artes de Cura e Espanta-Males – Espólio de Medicina Popular* recolhido por Michel Giacometti. O adjectivo ‘rústico’ deve entender-se unicamente como «relativo ou próprio do campo» ou «relativo ao meio rural» (ARAÚJO 2004: 54).

Escolhemos combinar a análise do conjunto de receitas respeitante à Dermatologia (a especialidade mais representada em termos de quantidade de receitas) com a de outras secções da supracitada *Artes de Cura e Espanta-Males*, não-catalogadas por especialidade médica (designadamente: “Outros Males”, “Sintomas Gerais”, “Animais e Superstições” e “Vários”). Para facilitar a leitura, as citações da dita obra (ALMEIDA *et al.* 2009) trazem simplesmente as informações relativas ao número da receita dentro de parênteses recto e ao número de página em causa.

Em consonância com o título desta obra, *Bichos Vividos*, considera-se o uso de animais na cura de maleitas de humanos e não-humanos bem como o conjunto de restrições e cuidados que regula tanto a relação entre humanos e animais domésticos – nomeadamente, a precaução a ter com os próprios bichos mortos ou os seus restos – quanto a relação entre animais domésticos e os outros não-domésticos.

## Bicho, Bichos e todos os Vivos segundo a tradição popular

A designação ‘os vivos’ aplica-se, na tradição popular, a criaturas humanas e não-humanas (animais, plantas, pedras, rios, objectos). Mutuamente interdependentes e submetidas ao mesmo quadro de relações recíprocas com o ecossistema, todas as criaturas integram uma comunidade alargada. Estimadas como viventes e sencientes, elas são dotadas de linguagem (RIBEIRO 2018). É previsível, por essa razão, que surjam como interlocutoras durante o ritual de cura.

Na medicina rústica, popular tradicional, o termo ‘bicho’ é recorrente enquanto representante do mal. Polissémica, esta expressão aparece no singular e/ou no plural, mas também a especificar um antagonismo entre masculino e feminino. Para o povo, o mal assume diversas formas. Por exemplo, considerando a erisipela (infecção contagiosa de pele, semelhante ao sarampo e coxo (uma erupção cutânea), também apelidada de ‘fogo de santo antão’ ou ‘mal da rosa’), o povo distingue, pelo menos, três formas de erisipela – seca, húmida e rosa ([12]: 80) –, as respectivas espécies (ou graus, consoante a gravidade) e géneros (macho/fêmea). Para além do reconhecimento adequado da variante e espécie da erisipela, importa determinar o seu género, dado que o seu tratamento pressupõe a escolha de um talhador de género correspondente ([1]: 77-78; [65]: 90; [66]: 90); quando não a intervenção simultânea de homem e mulher ([65]: 90).

A designação ‘bicho’ aplica-se, sobretudo, a corpos estranhos (seres ou respectivas emanações), ‘indesejáveis’, fora do domínio doméstico, portadores de peçonha ou de veneno, cuja influência nefasta sobre animais e pessoas se opera por uma das seguintes formas: contacto, proximidade, picada ou mordedura ou, ainda, por transferência à distância. ‘Bicho’ é sinónimo de tumor, cancro e herpes; ‘bichos’ designa herpes; ‘bichoco’ é sinónimo de herpes, furúnculo ou diarreia verde em crianças. A expressão ‘bichos na cabeça’ é a designação para piolhos. A palavra ‘bicha’ aplica-se a cobra ou a víbora; enquanto ‘bichas’ designa lombrigas. Há certos animais ou certas emanações dos mesmos (‘ar de bicho’) que contaminam e infestam o ar que se respira, contra os quais o ‘curandeiro’ retalia segundo formas específicas (‘talhar o bicho’, ‘cortar o bicho’ ou ‘deitar o bicho’). Sendo a expressão ‘ar’ a designação para uma doença repentina sem explicação científica (mau-olhado), ela também é o nome para luxação e inchaço. Excepcionalmente, a expressão ‘bicho’ (no plural) é usada para referir seres benfazejos numa dada cura: ‘bichos canteiros’ ([31]: 68); ‘bichinhos que apareciam debaixo dos cântaros de água’ ([33]: 68); as dormideiras (bichos secos, casulos de insecto, que se encontram debaixo das pedras) para provocar o sono ([13]: 532, [22]: 533); sanguessugas criadas em frascos com água ([8]: 560) usadas para extrair o sangue estragado ([20]: 534).

## Medicina rústica: cuidar, proteger e reabilitar o corpo

O corpo é, segundo a experiência popular, uma parte integrante do cosmos, permeável às suas forças e energias, visíveis e invisíveis, bem como a inúmeros perigos e ameaças. As condições benéficas do meio ambiente, assim como as condições mais adversas e intermitentes (calamidade natural), determinam a natureza e os níveis do esforço de adaptação humana. Devido à constitutiva fragilidade humana, o corpo é susceptível à doença, ao sofrimento e à inexorável morte. A morte e a doença são consequências do sobrenatural: força mística, mágica, punição divina, mau-olhado, ar maléfico ou entidade invasora.

A medicina rústica faculta as necessárias medidas preventivas e restauradoras da saúde dos corpos e os modos de influência sobre as forças cósmicas, mais ou menos impessoais, por meio de encenações simbólicas.

Efectivamente, contra o mal manifesto, que vem invadir (habitar e sugar) o corpo, os ossos e a carne humana, assim como os animais domésticos (dos quais depende a subsistência de indivíduos e comunidade), a medicina rústica (na sua tripla feição: mágica, religiosa e empírica) acredita haver um antídoto correspondente. Encaminha-se o doente para um estado de saúde prévio à chegada do mal. Inclusive, a um estado de saúde conforme ao que lhe foi dado à nascença – tal como se evidencia, por exemplo, na benzedura da erisipela ou na do quebranto, respectivamente: «Deus te torne a teu estado como foste nado e criado» ([13]: 80-81) ou «Se tens quebranto ou ramo de inveja ou ar ruim, fica são e salvo como Deus te deu no mundo.» ([1]: 602). Outra variante contra a erisipela seca:

Sai-te daqui para fora

De dentro deste corpo!

[...]

A criatura vais deixar.

E vais ficar sã e salva,

como na hora em que foste nascida ([36]: 86).

E, ainda, duas outras fórmulas contra o quebranto – nas quais surge associada a troca (passagem da doença à saúde) a uma realocização do mal:

Tod'ò mal vá p'ra fora

E venha a saúde p'ra dentro ([58]: 614).

Saia o mal, pra fora

E entre o bem, pra dentro ([76]: 618).

Em outra benzedura contra a erisipela, a fórmula recitada vai no mesmo sentido: «Este mal desapareça, esta criatura enviveça.» ([52]: 88). Repele-se e vence-se o mal – «Torna para trás, que não voltes cá mais» – e, em simultâneo, veda-se o seu reingresso, facultando a protecção almejada ao paciente ([41]: 86-87).

## **O mal que a pele revela e o ritual mágico-terapêutico**

Apesar de rudimentares, os recursos à disposição do povo incluem uma diversidade de terapêuticas contra o fustigante mal invasor: desde benzeduras, orações e promessas; defumadouros (como remédio contra qualquer perigo e mal-estar; para desviar a trovoada da casa mas também para causar malefícios); amuletos (ferraduras de animal cavalariço, asinino ou muar, pregadas no lado interno da porta de casa, ou os pregos da ferradura – contra malefícios); mezinhas caseiras; pedras (as quais, simultaneamente, diagnosticam e curam); ex-votos (figuras com a função de gratidão devota pela cura operada pelo santo; ou, ainda, por serem duplos do real, com a função de captar e canalizar o poder milagroso para o corpo ou parte corporal do enfermo, numa antecipação da bênção solicitada). Entre as inúmeras mezinhas caseiras (ervas medicinais, chás, sal) conta-se o alho – considerado o ‘remédio dos rústicos’ ([3]: 534). A sangria (ou ‘sangue aberto’) é uma das terapias recomendadas para todas as doenças. E, se se fizer sangrar à meia-noite, em noite de S. João, é reconhecidamente um preventivo contra futuras moléstias ([1]: 526). Faz-se sangrar as ventas das vacas, sofrendo de olhos inchados, com um pau aguçado

(preferencialmente, de noqueira, porque é detentora de virtude), e unta-se-lhe as barbas com carne gorda, para que a cura aconteça logo que o animal lamba o sangue ([28]: 562). Sangram-se os animais muito doentes: a orelha de uma ovelha; o beicho superior de um porco; o pescoço de bois e burros ([54]: 564).

Mesmo quando o acesso à medicina científica é um pouco mais facilitado em zonas remotas e/ou depauperadas – marcadas, em geral, por dificuldades decorrentes da geografia e do nível sócio-económico – o médico é encarado como um concorrente do(a) benzedor(a), unicamente solicitado em último recurso. Nesse caso, o êxito da cura é posto em risco pela interrupção de tratamentos clínicos ([3]: 665).

Antes do surgimento das modernas técnicas de imagiologia médica, as doenças existiam através de certos sintomas em pessoas e animais (tais como perda de apetite, apatia) e, sobretudo, em manifestações dermatológicas. Compreensivelmente, também, pelo facto de a pele ser o maior órgão sensorial de um indivíduo com a faculdade de perceber a dor, o calor e o frio.

A mulher ou o homem de virtude (derivada de Deus) sabe reconhecer as diversas formas assumidas pelo mal, avaliando a gravidade, o género e o grau correspondentes. O género de talhador (benzedor ou soldador) deve condizer com o género do mal. Apelidados de bentos (VASCONCELLOS 1986: 326), o homem ou a mulher de virtude (uma Maria ou um João) são marcados por sinais invulgares – tais como: ser gémeo ou parir gémeos; ter falado no ventre da mãe; ter um defeito derivado de um acidente raro ([7; 11]: 663).

O cobro é identificado pelo surgimento da configuração de uma cobra na pele do doente. A superstição popular atribui a causa do cobro à picada de cobra, lagarto, lagartixa, osga ou escorpião, ou, simplesmente, a algum destes répteis que tivesse estado em contacto com a roupa – colocada sobre o chão ([6]: 116-117) ou na erva verde ([11]: 117), durante o enxugamento ou o corar ao sol – e a qual tivesse sido usada sem ter sido previamente engomada. A passagem do bicho venenoso ([63; 64]: 127) pela roupa ou o contacto directo com o corpo – ao deitar-se no campo ou nas ervas do campo ([27]: 119) – comporta perigos. Não havendo a certeza da

ocorrência desse contacto, traz riscos não seguir a precaução de engomar previamente a roupa lavada ([26]: 119; [43]: 122-123; [55]: 125-126; [56]: 126, [67; 68]: 128); nomeadamente, no caso de crianças ([93]: 131; [104]: 133; [110]: 134).

A presença de muitas borbulhas contínuas sobre a pele em torno de uma zona corporal (por exemplo, a cintura), e muito unidas, assinalam que o cobro se fechou em círculo ou anel (unindo o rabo com a cabeça). Este é um sinal de morte infalível para o paciente ([12]: 117), ([43]: 122-123). O processo de cura realiza-se como uma espécie de escrita mágico-religiosa sobre o corpo do doente a qual, por ser às avessas, parece desfazer e apagar a escrita do mal. Na cura do eczema, algumas palavras têm de ser escritas às avessas e/ou deve ser cortado o mal com as costas de uma faca ([4]: 116), ([26]: 119), ([52; 53]: 124-125). O costume de varrer-se o doente ao contrário (dos pés em direcção à cabeça) com uma vassoura de palma (Domingo de Ramos) para curar a brotoeja (ou ‘aldregões’), parece ter o significado de reverter o sentido do que foi feito ou, desse modo, de se desfazer o sucedido (além de proporcionar um eventual alívio temporário da comichão). Ao invés de se varrer às avessas, o enfermo pode socorrer-se da camisa ainda quente do sexo oposto, vestindo-a (ou não) do lado do avesso.

É sob e sobre a pele que se inscreve a possibilidade de saída de um estado nefasto e a restituição de um equilíbrio temporariamente quebrado, por meio de um encadeamento infalível de consagrados gestos e sinais observados pelo operador da cura.

A eficácia do ritual mágico-terapêutico é determinada por um conjunto de factores. Deriva, sobretudo, da expressa submissão de quem cura – um mediador – a um poder transcendente (santos, apóstolos, Virgem Maria, Jesus Cristo ou as pessoas da Santíssima Trindade), a partir do qual se dá a transmissão da força curativa e o controlo dos procedimentos mais ajustados com vista à reposição da saúde perdida. Agindo em nome de entidades transcendentes (fontes arquetípicas da cura), o agente da cura (reconhecendo-se como mera mão executante, sob a autoridade das mãos do divino) identifica e, muitas vezes, interpela e invectiva o mal localizado no corpo do doente. Ainda, durante o processo terapêutico, fã-lo

interpelando também com frequência o doente. O doente é arrancado à inação passiva (por exemplo: chamado pelo seu nome), assim como qualquer indivíduo na função de ajudante do mediador: efectivamente, ambos são interpelados no sentido de prestarem a sua colaboração, se não numa sequência de perguntas e respostas, certamente pelo menos, nas orações finais (pai-nosso, ave-maria, salve-rainha) em louvor dos santificados intervenientes, nomeados durante a benzedura.

Enquanto ocorre a cerimónia mágico-terapêutica em torno do corpo do doente, recorre-se a receitas e fórmulas impostas pela tradição, observando determinados preceitos, interdições e formas. Nomeadamente: certas prescrições (intervalo temporal ou número de repetições a que se aplica os mesmos procedimentos até se alcançar a cura definitiva); condições convenientes relativas ao tempo (nascer do sol, pôr-do-sol ou à meia-noite) ou ao espaço em função de rituais terapêuticos específicos. Certos rituais implicam a deslocação do paciente a espaços sagrados ou o contacto corporal com atributos análogos (a fonte de água santa), enquanto outros rituais implicam a deslocação a espaços culturalmente marcados por qualquer indício visual ou testemunho oral sobre a passagem de uma entidade sagrada. Alguns dos rituais exigem o cumprimento de interdições alimentares (jejum).

A eficácia do ritual mágico-terapêutico depende da observância de certas precauções e prescrições, assim como da escolha adequada de meios específicos. Além do poder sugestivo de uma fórmula ou de uma cerimónia, quem talha dispõe de uma panóplia de recursos: agentes directos e concretos – tais como: substâncias (azeite e vinagre – recomendados na cura de feridas ou infecções; água benta; sal; urina; excrementos de galinha, de rato ou de sardão; cuspo; cinza do lar; pó da guia, que é terra da estrada peneirada); instrumentos (faca, pedra de argueiro, pedra de peçonha, vela benta acesa na mão do enfermo e crucifixo); gestos recorrentes (rezar o credo em cruz, dispor em cruz ramos de palma e de oliveira benzidas em Domingo de Ramos, distribuir as palavras em cruz, desenhar ou pincelar o sinal da cruz ou fazer cruces no ar); palavras e nomes em complemento dos gestos (o nome de Jesus cuja evocação faz desaparecer, de imediato, qualquer mal), o gesto como menção ou uma espécie de homonímia da palavra (cortar a erisipela, com a benzedura, e cortar



um pedaço de pau de figueira ou fazer cruces no ar com a lâmina de um instrumento cortante, faca ou tesoura) e os ensalmos (característicos da medicina popular) em modo de oração ou encomendação.

Incluem-se nos ditos recursos: ervas e plantas, paus e ramos, óleos particulares; operações de preparação; confecção ou utilização de coisas e materiais (em virtude das suas propriedades reais ou imaginárias, mas também da sua correlação com o rito); coisas mágicas consagradas em termos religiosos (água benta) ou encantadas; substâncias com virtudes próprias (leite, azeite, mel, saliva, urina).

Frequentemente, a fórmula recitada pelo mediador para a cura de um mal específico cita a recorrente geografia sagrada de um mítico encontro entre Jesus Cristo e os apóstolos (Pedro, Paulo), ocorrido a meio caminho na ida ou vinda de Roma, e ao qual está associada a origem mítica da receita. A outros míticos encontros está associada a origem de tantas outras receitas: entre Pedro e Paulo e Virgem Maria ([45]: 87) entre Nossa Senhora e Santa Cecília ([114]: 102); Nossa Senhora e Santa Elísia ([76]: 92-93); Virgem e S. Sesonando, na vinda de Roma ([84]: 96), Deus e S. Mateus ([67]: 615) ou entre Eva e Virgem Maria ([136]: 107; [69]: 616-617); entre Julião e Nossa Senhora ([88; 89]: 98); entre Nosso Senhor e a erisipela, a 'rosa', ([84]: 94-97); entre a 'rosa' e a Virgem ([95]: 100). O mesmo ocorre com animais: umas pombinhas brancas encontraram a Virgem Maria, com quem aprenderam o modo de talhar a erisipela ([15]: 81; [24]: 83).

A fórmula proferida, durante o ritual mágico-terapêutico, anuncia o modo e a origem da cura. Ao ser proferida, a fórmula permite que os participantes no processo terapêutico (doente e mediador) não somente façam acontecer o previsto, mas mostrem a si próprios e aos outros (pelo menos, diante da audiência divina) o que eles estão em vias de operar. O processo de cura (performance e ritual religioso) celebra e faz acontecer a cura. O momento terapêutico é, por assim dizer, um ponto intermédio entre um momento mítico e o pretendido momento de cura definitiva. Tomando esse passado mítico como um modelo a ser imitado, o processo de cura constitui-se em sua repetição ou reactualização. O que sucedeu, por exemplo, em Roma (centro do mundo cristão), em tempo imemorial, será retomado em outro

lugar, com outros intervenientes que, na qualidade de intermediários entre o divino e o humano, bem como na qualidade de herdeiros de tradições e conhecimentos empíricos oralmente transmitidos, não deixarão de rememorar e imitar a acção terapêutica passada. A libertação dos poderes no presente acontece com (e devido a) esta reprodução. A fé na eficácia do ritual (partilhada pelos participantes no processo terapêutico) garante que o êxito da cura (alcançada no passado imemorial) continue a ser fixado e confirmado pela repetição. Podemos, por isso, entender o momento terapêutico como articulação de uma coincidência espacial e temporal.

À reciprocidade estabelecida entre um lugar e tempo míticos e o lugar do doente acrescente-se, ainda, a reciprocidade entre a pessoa a ser curada e o local onde se processa o ritual de cura.

### **Confins do espaço humanizado: lugares de degredo do mal**

O mundo nas sociedades tradicionais está impregnado de inimagináveis inquietações e perigos. Perturbado no seu equilíbrio preexistente por uma intempestiva presença, fora do lugar, o corpo do enfermo apresenta em si próprio os sinais de distúrbios trazidos pelo desvanecimento da linha de demarcação entre o espaço interior (humanizado) e o espaço exterior (inóspito). Evidencia-se uma fronteira clara entre os espaços humanizados (sintomaticamente, onde a mãe chama pelo filho ou chora o menino; onde cantam galos e galinhas ([1]: 77-78) e, por extensão, outros animais de criação doméstica) e as zonas proscritas (mar, montanha ou alto pinheiral), não-humanizadas e infecundas, geradoras de sobressaltos e medos. Necessariamente, uma fronteira a ser velada e mantida a bem dos (frágeis) corpos, humanos e não-humanos.

O intento de afugentar (talhar) o mal da cama, do lar e de todo o lugar é exequível através de várias estratégias de esconjuro, expulsão, dispersão ou aniquilação – inclusive através da fragmentação – da entidade usurpadora do território humano e do corpo do paciente.

Localizadas e interpeladas, essas entidades ou influências maléficas são exortadas a abandonar o corpo do doente e arremessadas para os confins do espaço humanizado, com o auxílio (e em louvor) de entidades sobrenaturais invocadas no decurso do ritual. O mal é transferido ou esconjurado para longe da povoação – um local ermo e de difícil acesso onde não possa prejudicar ninguém ou «coisa nenhuma do mundo» ([14]: 605) e, sobretudo, não possa retornar. Uma vez o mal esconjurado, unicamente pode restar: «santinhos e santas» ([118]: 136), «Eu e os anjos» em rezas aos côxos ([125]: 137).

Para a cura de maleitas cutâneas (erisipela, impigem), psiquiátricas (quebranto) ou do sistema nervoso, oculares e de muitos outros males (mau-olhado – causador de quebranto; a ciática ou flato nervoso), são citadas fórmulas milagreiras onde é, com recorrência, declarado que o mal é deitado às ondas do mar ([38]: 86) – para onde não possa reverdecer, nem florescer – ou lançado para um lugar igualmente inóspito (como o deserto). O mal é atirado para as ondas do mar, onde não haja animais ou pessoas ([84]: 94-97). O mar – e, por vezes, o «rio Jordão sagrado» ([20]: 82; [13]: 561) onde Cristo foi baptizado. O monte, a serra, o pinheiral («alto pinheiral que esteja à beira do mar») ou suas imediações surgem, igualmente, como lugares de degredo e perdição definitiva para o mal esconjurado.

Convencido a abandonar a morada pobre e o fraco sustento que é o corpo do doente, o mal é assim expulso ou recambiado para o mar, arremessado às temidas ondas do mar, para o mais longe possível da comunidade humana, donde muito dificilmente poderá regressar: o «meio do mar», o «fundo do mar» ([123]: 103-104), «o outro lado do mar», «outras bandas das águas do mar» ou, ainda, o «mar coalhado», também designado de «oceano glacial» (VASCONCELLOS 1986: 119). Um dos ingredientes (ou parte deles) usado na benzedura da erisipela, para o qual foi transferido o mal, é atirado para o fogo e o mar: uma metade do limão é deitada ao lume por uma Maria, após a benzedura, enquanto a outra metade (esfregada na área afectada) terá de ser arremessada para o mais longe, de costas para a maré, e sem que o padecente veja ([105]:101; [106]: 101). Na cura da erisipela, durante a

recitação, o doente é benzido com um ramo de oliveira, o qual é atirado no final do cerimonial para trás das costas ([52]: 88).

Ao corpo que se torna alvo da eficácia do ritual terapêutico são transmitidas as necessárias virtudes mágicas e protecção retidas e conservadas por consagrados materiais, substâncias, actos, palavras, gestos e sinais. Por via do ritual mágico (determinado por princípios de simpatia / antipatia, contiguidade, similaridade e contraste), o corpo do paciente transforma-se em palco especial de uma complexa performance, por meio da qual acontece e se renovam as formas de articulação íntima entre o indivíduo e a natureza, a comunidade humana e o cosmos.

Entendido como performance (RIBEIRO 2013: 88), o processo de cura é um evento social que procede a uma integração das mais diversas dimensões de uma ecologia integral da sociedade: a geografia, o calendário, a interacção social e a propensão humana para transformar a natureza em cultura. As mezinhas, a culinária mágica (química ou farmacológica, por intermédio da qual se preparam as coisas mágicas e se lhes confere a forma ritual), os ensalmos e as benzeduras, constituem a expressão de uma estreita relação entre o homem e o ambiente natural, entre a comunidade humana e o espaço geográfico.

## **Aspectos das relações entre humanos e animais na medicina rústica**

Em *Artes de Cura e Espanta-Males* deparamo-nos, com muita frequência, com indícios de uma atitude ambivalente da comunidade humana com o meio envolvente (biológico e histórico-cultural).

Embora sendo fonte e condição de vida, o ar é veículo de muitas enfermidades, quando emana de seres, astros, encruzilhadas, mar e de muitas outras coisas que o contaminam ou infestam. Já quanto à água, para ela não fazer mal deve ser acordada, quando é bebida de noite, batendo-se no púcaro ([6]: 663).

Em relação ao próximo: qualquer pessoa (por querer ou sem querer) pode lançar o mau-olhado sobre um animal ou uma pessoa (nomeadamente, a coisas próximas dela), quer seja inimiga, quer queira bem.

Em relação à palavra (dita e escrita): não obstante o poder incalculável da palavra sob a forma de benzedura, esconjuro e oração, bem como do nome de Jesus – na benzedura da erisipela ([85; 87]: 97-98), bem como na cura de diversas enfermidades, crê-se no perigo proveniente de certas palavras proferidas, interditando-se ao máximo o seu pronunciamento. Quando se fala em ‘ninhos’, é preciso dizer ‘sapinhos’ e ‘pedrinhas’, senão vem o bicho. Depois de recitada a fórmula para deitar o bicho, é feita uma «cruz sobre o cuspo que se deitou na mão e bate-se nele, mandando-o: para aqui, para ali, ou para acolá» ([10]: 117). No respeitante ao perigo de palavras proferidas, incluem-se os nomes de animais dotados de potencialidade poluidora (‘sapo’ e antídoto: [8]: 65; [16]: 66) ou os nomes de certas doenças cujo poder mágico deriva de estarem envoltas em temor e mistério. Existe o perigo de dizer ‘herpes’ – por ser uma «coisa... tão ruim, que não convém sequer pronunciar-lhe o nome, sem a guarda do ‘salvo seja’ – pois para talhar, salvo seja, o herpes, depois de cobrirem a parte do corpo do doente atacado pelo mal com uma mistura de azeite e enxofre», rezam o ensalmo ([51]: 124).

Em relação ao animal: aquele que é apontado como causa directa ou indirecta de doença pode ser, por seu turno, a causa de cura (ao entrar na composição de remédios populares).

Galináceos (galinhas, frangos e galos) são um recurso terapêutico na cura de maleitas. O sangue dos frangos colocados na testa é usado em certas maleitas, assim como a goela da galinha; frangos e pombos abertos em vida e colocados nos pulsos de enfermos (ou em outras zonas do corpo) para atrair (sugar) a peçonha; o caldo medicamentoso, resultante da cozedura de frangos e galinhas, recheados de drogas medicinais, para administrar ao enfermo ([4]: 559). Para tratar a mordedura da cobra, matar um galo e, logo, aplicá-lo sobre a mordedura; depois, fazer um golpe, de modo a ferida sangrar e poder-se sugar o veneno ([58]: 524).

Outras respostas terapêuticas em caso de mordedura de víbora: abrir um gato e colocá-lo, de imediato, ainda com as vísceras palpitantes, sobre a mordedura traz a anulação da sua peçonha ([6]: 519) ([4; 6]: 559); abrir um gato preto, seguindo idêntico procedimento, aplicando-se a cabeça de víbora morta sobre a mordedura

([47]: 523). Para além de reza especial, dita com a mão sobre o lugar empeçonhado ([32]: 522), esfrega-se a zona da picada de víbora com um pedaço de toucinho cru ([41]: 523). No caso de mordedura de cobra, recomenda-se ainda que se esfregue a ferida com uma pedra até fazer sangue ([11]: 659). O uso de pedras na cura de mordedura de víbora está muito difundido – denominadas pedra da peçonha ou pedra de cobra; pedra-de-cobre; pedra ferronha ou pedra bezoar; pedra-de-veado. O olhar pode causar na cobra a perda do veneno, se a virmos antes que ela nos veja ([7]: 659). Comer alho de manhã, em jejum, é uma das recomendações para quem queira preservar-se de cobras ([11]: 659) ([13]: 660).

Em mordeduras de abelhas e vespas, empregar saliva sobre a região atacada e sobrepor um objecto em aço ([48]: 523) ou, na sua falta, qualquer objecto metálico ou uma moeda de cobre ou níquel; ainda, para o mesmo efeito, pode aplicar-se no ponto ofendido por abelha ou vespa, uma mosca, esmagada no local ([8]: 524-525). Para curar a picada de abelha, pode untar-se a região inflamada com barro ou lama ([4]: 524). Outros remédios passam por lavar a ferida com urina, misturada ou não com terra, ou esfregar com cera retirada do ouvido ([12; 16]: 525). Em mordedura de cão danado, fazer pílula da testa de um enforcado e comê-la para sarar ([38]: 523). Deita-se, sobre a mordedura feita por cão, cabelos do mesmo animal – aplicados em emplastro ou previamente fritos em azeite ([1; 2; 3]: 519). Acredita-se que uma pessoa mordida por um cão não-raivoso pode estar sujeita à raiva durante sete anos, se o cão a apanhar neste período ([3]: 519). A mordedura de doninha – acontecendo à pessoa que lhe chamar feia – é curável com o unto da própria doninha ([5]: 519).

Há precauções a ter com a ingestão de certos alimentos crus: comer castanhas causa piolhos. Uma das causas para as escrófulas (alporcas ou humores frios): a ingestão de pão quente, comido com manteiga ([5; 16; 17; 18; 19]: 110). O pão quente «faz alporcas, faz danar os gatos e até mesmo as pessoas.» ([7]: 110; [24]: 111). No entanto, a côdea de pão quente (nos lábios) sara o ‘côtcho’ – uma fogaagem que se forma no sítio por onde esses bichos, sapo ou aranha, passam enquanto uma pessoa dorme ([59]: 126-127). Quando o ‘côtcho’ é grande, benze-se, pegando na

navalha e fazendo-se com ela uma cruz sobre o coxo, recitando o ensalmo ([59]: 126-127).

Engolir um cabelo pode fazer nascer uma cobra no estômago ([4]: 659). Para se tirar a cobra da garganta de alguém é recomendado, frequentemente, o leite numa bacia próxima da boca para a atrair – podendo implicar o corte de cabeça e rabo da cobra e a ingestão do resto dela cozinhado para que a maleita desapareça ([13]: 660). Outras soluções: – a cura passa por cortar (ou esmagar) a cabeça da cobra (para que a dor desapareça de imediato) ou colocar o bicho morto em cima do local ferido ([17]: 660); a queima de enxofre, cabedal, chinelos ou sapatos velhos, ou a colocação de alho pisado na rua ([13; 16; 19]: 660).

Para além de orações e promessas – requeridas na cura de doenças dos animais – exige-se o uso de animais, também, na cura de suas maleitas: a tosse dos porcos cura-se com pele de cobra embrulhada em folhas de couve ([6]: 560). A bexiga do porco é usada para certas doenças dos bois ([7]: 560). Para a mordedura do lacrau (escorpião) usa-se a lambidela da língua de cão ou, então, coloca-se o próprio animal depois de morto sobre o local mordido ([40]: 523). Contra ferida superficial a sangrar, causada por mordedura, cutilada ou escoriação, é recomendada a aplicação de teias de aranha sobre a ferida ([29]: 549; [18]: 520). Para tirar a febre, bebe-se urina ([12]: 543) ou traz-se ao pescoço um pequeno saco contendo uma lagartixa viva, cuja morte fará com que a febre desapareça ([19]: 544). Para afastar as febres dos animais: usa-se muitas formigas em defumadores de cisco da ribeira e das encruzilhadas ([29]: 562). Para que o cobro desapareça dos animais, espeta-se em pastagens diferentes canas com chifres de carneiro nas extremidades ([19]: 561). A moléstia que ataca os rebanhos de ovelhas é combatida do seguinte modo: aprisionando-se uma pequena cobra viva dentro de um chocalho ou campainha, trazida pela ovelha guidadeira, cuja manutenção de vida depende da melhoria de todo o gado ([24]: 562). A cura contra as névoas dos olhos do gado consiste na aplicação da parte branca do excremento de lagartos (depois de desfeita e dissolvida em água) sobre a vista ([35]: 562-563).

Contra as queimaduras, recomenda-se que, enquanto a fórmula é recitada, a benzedeira cuspa e sopra ([13]: 148). Outra solução mais drástica: depois de se sofrer uma queimadura, deve dar-se outra em cima, para sarar ([22]: 149).

Há cuidados a ter com animais pela mulher que amamenta. A ingestão de leite de mulher que amamenta por qualquer animal que ande amamentando as crias (gata, cadela) origina a escassez de leite na mulher e, inversamente, a abundância no animal ([32]: 510). O leite pode ser-lhe roubado por uma gata, nas mesmas condições, caso a mulher lhe dê a comer os seus restos de comida ([68]: 513). Mas também, enquanto a mulher tem criança de peito, não deve debruçar-se sobre uma parturiente, para não ficar sem leite ([1]: 508). A mãe não deve atravessar um rio, ou beber seja o que for, enquanto está a amamentar o seu filho, pois pode vir a sofrer, no futuro, de gota ([59]: 512). Uma das soluções para a mulher que, ainda amamentando, tenha ficado sem o leite ao ter passado um rio, por necessidade ou por descuido, é a de o interpelar pelo seu nome e exigir dele a restituição do leite. Se o fizer, a mulher que amamenta verá satisfeita a sua exigência ([75]: 513). Molhar com água e enterrar, bem fundo na terra, as secundinas [a placenta e as membranas expelidas depois do parto] – ou, mais difícil, enterrá-las no leite de qualquer rio abundante, tornando impossível a sua descoberta por bichos – é recomendado à parturiente para que não lhe falte (ou seque) o leite ([53]: 512).

Certas prescrições em torno do consumo e manuseamento de certos alimentos (por exemplo: o leite) têm de ser respeitadas pelos consumidores ([30; 31]: 562) para que o animal (a vaca) que o produz não venha a sofrer efeitos nefastos. Quando se entorna o leite no lume, e não se deita logo sal no lugar onde se entornou, seca o leite ou faz intumescer o úbere do animal. O costume de lavradores adicionarem água ao leite é justificado pelos próprios como um intento (não-fraudulento) de evitamento que as vacas deixem de dar leite se algum animal lamber o leite puro ([70]: 565). Às fêmeas (vacas, cabras, ovelhas) que parem, tira-se-lhes o leite para o chão, para que não lhes rebente as tetas (mal apelidado de ‘dadas’), e após dizer-se «Leite alebrado / Não sejas tomado», cospe-se três vezes no leite para assim evitar-se que os bichos venham lambê-lo, ocasionando a falta de leite às fêmeas ([81]: 566).



Algumas prescrições decorrem de se reconhecer que certas ocasiões são nocivas, se não até funestas, para o nascimento dos animais – por exemplo: pintos nascidos em maio são doidos, se não forem joeirados numa joeira de cereais; burro nascido em agosto será remeloso ou oftálmico ([40; 41]: 563). A Quinta-Feira de Ascensão pode ser propiciatória se os lavradores distribuírem aos pobres o leite de cabras, para evitar a ocorrência de sarna na cabrada ([30]: 562).

A proximidade do corpo a certos animais (domésticos como, por exemplo, o cão e o porco; não-domésticos como lacrau, cobra, lagarto – mas também: rato, teias de aranha) pode acarretar perigos para a saúde. No entanto, o bafó canino é remédio para inchaço e ferida ([3]: 666). Há que ter cuidado com as mordeduras de animais ou feridas por eles causadas, contra as quais se aplica uma parte dele (pêlo de cão) ou ele inteiro, quando se mata (o lacrau aplicado sobre a sua mordedura) ou ainda outro animal (o gato contra a peçonha da víbora). Relativamente a uma outra natureza de restos: a mulher que deitar o cabelo para a rua, depois de se pentear, deve cuspir três vezes para que não lhe façam mal ([7]: 155). O cabelo que a mulher tira ao pentear-se deve ser queimado de imediato, para que nenhum passarinho o use na construção de um ninho, porque se tal acontecer terá fortes dores de cabeça ([3]: 70). Deve guardar-se o primeiro cabelo que se corta da criança para crescer mais o outro ([12]: 155) ou queimar-se ou guardar-se para que não se faça feitiçaria com ele, ou enterrar-se para que cresça ([17]: 155). Há medidas para propiciar a saúde e o crescimento do cabelo em paralelo com o crescimento da silveira de amoras ([3]: 154); em paralelo com o rio ([5]: 155); em paralelo com um botão de rosa ([9]: 155); em alternativa, enterrá-lo (a terra é fértil...) ([17]: 155) – tudo isto segundo o princípio da analogia ([19]: 158). Há ocasiões propícias para o crescimento do cabelo: a noite de S. João para crescer abundante o cabelo; a manhã de S. João para cortar o cabelo e colocá-lo também sobre a silva ([4; 5; 6; 7]: 155); cortar o cabelo quando a lua se encontra em quarto crescente ([34]: 157). Há que ter cuidado com a peçonha (veneno proveniente de bichos), com os próprios bichos mortos ou seus restos – enterrando-se as chamadas ‘espinhas de cobra’ para se evitar o empeçonhamento de alguém ([21]: 520-521). Há que ter precaução com os restos do

ritual mágico-terapêutico: defumadouro atirado ao rio, após o tratamento contra o mau-olhado ([4]: 582-583). Os ratos são uma ameaça para aquele que comer inadvertidamente pão roído por eles. Por isso, passar o pão roído pelos ratos sobre o lume, evita que se fique com feridas nos lábios ([17]: 66). Contra as queimaduras, recomenda-se a aplicação de unto de rato e o polvilhamento da inflamação com a cinza de feto (erva) ([12]: 148).

Igualmente, o contacto eventual de roupa a secar com animais peçonhentos (cobra, víbora, mas também, toupeira, sardão ou sapo...) transmite o mal para a pele de quem a vestir. Por isso se recomenda a seguinte precaução com a roupa branca: vesti-la apenas quando engomada ou após passagem pelo ar do lume ([26]: 119; [68]: 128; [72]: 129). O intrás (ou antraz, uma espécie de furúnculo) deve-se a picada de uma mosca vareja ([17]: 114). O coxo é supostamente originado por certos animais e a sua natureza varia consoante o animal que lhe deu origem. Em geral, enquanto a proximidade a certos animais pode acarretar perigos para a saúde (por exemplo, a galinha-choca que, tendo passado por cima de uma criança, lhe causa brotoeja ([8]: 71); rato, mosca vareja causadora de furúnculo, animal peçonhento tal como a toupeira); o corpo enfermo pode retirar inúmeros benefícios da vizinhança a outros animais (por exemplo, o porco). Embora a pia dos porcos seja considerada a causa para o surgimento de escrófulas naquele que nela se tiver sentado ([4]: 110), é verdade também que a pia do porco é o lugar a que o enfermo se deve dirigir (ou ser conduzido) para ficar curado de farfalho, de sapinhos ou de brotoeja. Contra a brotoeja (urticária), recomenda-se a ida à pocilga dos porcos para esfregar o corpo na palha, com a palha que lhes serve de cama – repetindo três vezes: «Assim como porcos e porcas dormem aqui / Assim tu maldita vertueja saias daqui» ([3]: 71) – ou deitar-se no covil dos porcos embrulhado em saio (em algumas variantes: cobertor ou tecido de pano fino) vermelho ([8; 9; 10; 11; 12; 13; 15; 17; 18; 19; 21; 24; 28; 29; 30; 33; 34]: 71-73).

A criança que sofre de farfalho (aftas) deve ser passada três vezes, em cruz, sobre a pia de porcos, proferindo-se durante três vezes as palavras que expulsam a «farfola», tanto do corpo da criança quanto da pia dos porcos ([21]: 67). Entre as

várias medidas preconizadas para curar sapinhos, inclui-se aquela em que se recomenda esfregar a boca da criança com um pano vermelho previamente metido dentro da pia dos porcos, ou, então, expô-la ao bafo dos animais de um curral ([33]: 68). Contra a caspa, deixar que boi ou vaca lamba a cabeça ([1]: 74). Se o homem que sofre de brotoeja deve espojar-se num ninho de porcos e vestir uma camisa de mulher, ainda quente do corpo (e se for mulher, uma camisa de homem, acabada de despir), o princípio da inversão traduz-se no outro costume de varrer o doente, inteiramente nu, às avessas (dos pés até ao alto da cabeça) com uma vassoura novíssima ou uma vassoura de palma ([35]: 74). Se for a criança a sofrer de idêntica maleita, ela deve ser conduzida a uma pia onde esteja a comer um porco e uma porca e, aí, tem de se pegar em tojo arnal e com ele dar-se três voltas em redor dos porcos enquanto se pronunciam as palavras seguintes ([19]: 72):

Assim como este porco e esta porca  
Comem aqui,  
Assim desapareça este mal de ti,  
E para que não torne a aparecer,  
Para o mar coalhado o vou requerer.

Outro procedimento (supostamente) igualmente eficaz: fazer uma cova à entrada de um curral de ovelhas, para se colocar dentro dela, com todo o cuidado, a criança; depois, tapa-se vulgarmente com um caniço, fazendo-se depois passar por cima todo o rebanho e dizendo:

Ovelhas ao monte  
Brotoeja adiante ([18]: 72).

A proximidade do corpo enfermo a certos animais garante inúmeros benefícios. Para livrar-se dos cravos, aconselha-se a introdução da “vacca leiteira” (pequeno réptil às riscas vermelhas) nos cravos, depois de ter sido furada com alfinete ([25]: 159). À mulher afectada por mal de pêlo deve colocar-se-lhe ao peito a mão direita do texugo ([1]: 581). Comer carne de grou é causa de longevidade ([2]: 667). Os

componentes em remédios populares para diversos males estão directa ou indirectamente ligados a (são provenientes de) animais (domésticos e não-domésticos): o sangue extraído da crista de um galo (por ser vermelha?), morto na ocasião, para curar a erisipela ([122]: 103) ou, em alternativa, esfregar a crista do galo preto ([110]: 102); sangue de galinha ou gato preto, untado sobre a erisipela ([44]: 87; [61]: 89; [63]: 89); alternativamente, sangue de galinha preta – besuntando com azeite e farinha, o ramo de oliveira usado na benzedura ([64]: 90); a lã de carneiro é, também, usada na benzedura da erisipela ([87]: 97-98). Como preventivo de erisipela, trazer ao pescoço um pequeno saco contendo a mão de toupeira ([112]: 102). A pena de galinha viva, além do azeite oliva e a fé em Deus, é usada contra os furúnculos ([36]: 115-116); a cabeça de cobra, pendurada ao pescoço e tocando a pele, cura as escrófulas ([1]: 109); as sopas de cobra curam a furunculose (‘frunco’, ‘fruncho’, furúnculo); a pele de sapo, cortada com o tamanho de uma moeda e mergulhada em vinagre durante quinze dias, que nos livra de antrazes ([6]: 114); além das costumeiras papas de pão (trigo) com leite e papas de mostarda aconselhasse, igualmente, as papas de caracol pisado para fazer rebentar os furúnculos ([1]: 113). A aplicação de caracóis pisados, retirados das cascas, resulta bem para rebentar carbúnculos e tumores – furúnculos e abscessos ([32]: 115). A rã colocada na língua de uma criança, para ser sugada, é em seguida posta a secar, no fumeiro, para a boqueira ([78]: 129) se ir embora ou, em alternativa, untar a língua de uma criança com a pasta que fica no fundo da pia dos porcos ([158]: 141); miolo de osso do queixo do porco, untado sobre o local da boqueira ([155]: 140) ou, então, o mel sobre uma pena de galinha, desinfetada, deve ser colocada sobre a boqueira ([158]: 141). A lesma esfregada sobre as verrugas para quem quer ver-se livre delas, a qual é posta posteriormente a secar pois, conforme a lesma vai secando, a verruga secará também ([61]: 163). Um cabelo de burro (ou de vaca) que se amarra às verrugas para as curar ([6]: 157), ([61; 63]: 163). Limos, algas marinhas das poças dos penedos para a fricção da área afectada por escrófulas são o remédio adequado para a sua cura ([8]: 110). Além das rezas para a cura do cobro, a moléstia de pele deve ser lavada com

água de corno de veado ([131]: 138). Chifre de veado, deitado na água, serve para lavar nessa água o gado ou a gente com o bicho ([45]: 123).

Integrando a mistura com algumas folhas de plantas e sal, o excremento de boi, usado para tapar o forno, é a cura contra o mau-olhado ([4]: 582-583).

Na cura de furúnculos, designada de ‘cortar a toupa’, aconselha-se o uso da pata de uma toupeira, morta em segredo, ou um raminho de erva da toupa, dizendo-se as seguintes palavras, enquanto se faz cruces sobre os pequenos abscessos ([3; 5]: 114):

Toupa ou toupo vi,  
Toupa matei,  
Toupa matei,  
E não nomeei.  
Pela graça de Deus e da Virgem Maria,  
Um padre-nosso, ave-maria.

A erva da toupa é, na realidade, um substituto da pata dianteira esquerda de uma toupeira, arrancada com a mão esquerda, sem lhe dizer o nome, que o mezinheiro embrulha em papel e conserva em segredo, durante um ano ([5]: 114). ‘Cortar a toupa’ é a cura de quaisquer furúnculos que as mulheres dizem ser devidos ao ser peçonhento da toupeira. Uma das causas para furúnculos no ânus é haver dejectado nos caminhos ([4]: 114).

Os pêlos de testículos de um carneiro preto, fervidos em azeite com palhas alhas (folhas secas dos alhos), resultam em curativo de herpes para ser friccionado sobre o ponto atacado enquanto se pronunciam certas palavras ([29; 31]: 119). O eczema seco (ou cieiro) nas mãos é tratado com a fricção com sebo de carneiro ou de qualquer animal ([11]: 76). A pomada feita com cera virgem e sebo de carneiro aplica-se em frieiras ulceradas ([12]: 111; [25; 28; 30]: 112; [35; 37; 38]: 113). Uma aplicação alternativa para livrar as mãos do cieiro consiste em urinar para a terra e, de seguida, lavar o local afectado com a terra mijada ([21]: 77). A urina é recomendada para as frieiras ([28; 29; 31]: 112; [33; 34; 36; 37; 38]: 113) – inclusive para tornar a pele mais brilhante ([20]: 77). Manteiga de porco e cinza do lar são

uma cura para herpes ([35]: 120). Na cura de erisipela, baseada na junção do «pó da guia, o nome de Deus e da Virgem Maria», esfrega-se a zona afectada com um pedaço de toucinho do fumo, designado por «o bom do porco», depois de se cuspir três vezes, aplica-se o pó da guia, o qual só ao fim de oito dias pode ser lavado ([136]: 106-107). A erisipela tem três dias para entrar, três dias para estar e três dias para secar ([11]: 80). Talvez, por essa razão, se reze nove vezes. Há perigos que o doente enfrenta e deve evitar: «não deve ver-se ao espelho, porque o aço [...] faz mal à doença.» ([11]: 80) Contra o tal mal deve voltar-se para a parede os espelhos do quarto do doente ou cobri-los com um pano ([11]: 80). Pena de galinha preta, misturada com óleo de oliveira santa, em benzedura contra a erisipela ([41]: 86; [42]: 87; [83]: 94); ou, então, uma pena de galinha viva, untada com azeite ([88; 89]: 98).

Contra as queimaduras, a benzedeira fricciona levemente a parte afectada com unto de porco e com pó da estrada enquanto reza o ensalmo; mas também pode aplicar-se sobre os queimados a banha (manteiga de porco) sem sal ou manteiga (de vaca) nas mesmas condições ([35]: 150). Contra o bichoco (diarria verde das crianças) recorre-se ao unto de porco e às pedras de sal, dizendo-se certas palavras e, depois, deitando-as ao lume ([87]: 130). O unto de porco é usado na cura do ‘bichôco’: três bocados de unto e três pedras de sal esfregadas em volta do umbigo da criança, enquanto são recitadas certas palavras. De cada vez deita-se ao lume o bocado de unto e a pedra de sal para queimar o bicho ou ‘bichôco’ ([87]: 130). O unto de porco (macho) entra na benzedura contra o herpes – fogueira no rosto de crianças – juntamente com azeite e uma pena de galinha viva, funcho e água fria (água apanhada antes do nascer do sol). Usa-se uma pena de galinha tirada de uma ave que esteja viva, unto de porco macho, um ramo de oliveira e um ramo de alecrim. Com a pena de ave viva, o funcho e o alecrim faz-se um raminho e molha-se na malga de água onde está o azeite e o unto e vai-se chegando à cara do paciente ([122]: 136). O fel do porco cura as ‘nascidas’ – designação para tumor nas gengivas ([9]: 114) – ou os panarícios, se for dependurado atrás da lareira ([14]: 114).

Dada a importância de animais domésticos (cuja vida produtiva e/ou morte aproveita aos humanos, nomeadamente, ao fazer deles fontes de sustento e nutrição),

muitas curas propostas pela medicina popular aplicam-se a humanos e a animais. Roga-se aos santos que os protegem: S. Sebastião e S. Lázaro (doenças dos porcos) e Santo António (doenças dos porcos, vacas, bois ou carneiros) ([25]: 562) ([52]: 564). O inchaço causado por indigestão em bovinos requer uma volta em redor da capela de S. Sebastião e a fricção da barriga com terra levantada pelas ratas no adro da capela ou com pau-zimbro cortado em certas cerimónias ([48]: 564). Igualmente invocado em doenças de porcos, S. Lázaro, os devotos devem tocar a sua imagem com pedaços de pão cozido que darão, durante o ano, aos animais ([50]: 564). A doença nos suínos é combatida atando-se um fio às patas dos referidos animais, depois de este ter permanecido, algum tempo, no pescoço da imagem de Santo António ([25]: 562). Animais recém-nascidos e vacas com crias recentes trazem uma fita vermelha pendurada ao pescoço ou atada no rabo, para ficarem protegidas do mau-olhado ([101]: 567). Para o bom leite das pessoas e dos animais, invoca-se S. Mamede ([61]: 564) ou a lavagem dos pés do santo protector ([97]: 567).

A este propósito, importa ainda sublinhar os perigos trazidos pelo contacto entre animais domésticos e animais não-domésticos. Se os lobos vierem comer a lavadura da pia dos porcos, origina nestes a ‘lobagueira’ (sintomas: fastio, tristeza, apatia, definhamento que os leva até à morte). A cura do porco com o lobo passa por fazer passar a lavadura que é dada ao porco pela gola de um lobo – pedaço de traqueia-artéria – para que o porco não morra ([93]: 566-567). Acredita-se que o mato proveniente do monte é portador de lobado – lesando, em especial, as vacas, causando-lhes o inchaço de mãos e pernas e a morte. O mal chamado de ‘mal das serras, dos lobos, dos bichos bravos’ é prevenido através de uma benzedura do mato do monte, deitando-se-lhe sal e cinza enquanto se recitam as palavras de esconjuro do lobado.

## Concluindo

O espólio constante em *Artes de Cura e Espanta-Males* atesta, frequentemente, a existência de uma diversidade de mezinhas e aplicações (por vezes, contraditórias entre si) e fórmulas (acompanhadas, em geral, de informações relativas ao contexto, aos procedimentos e às orações) para lidar com cada enfermidade ou cada defeito. O referido espólio de medicina rústica, popular tradicional, é um testemunho de uma mentalidade pré-moderna. Por um lado, dos modelos de doença e cura tradicionais sobressai um nexo semântico (não-causal, não-determinista) ou uma lógica de semelhanças e comparações entre conceitos e acontecimentos. O mar, a montanha e o alto pinheiral são territórios limítrofes hostis, não-humanizados. Esses territórios desabitados comportam inúmeras e constantes ameaças para a ordem, a integridade e a segurança de comunidades humanas. No entanto, esses territórios tornam-se em destinos ideais de uma incessante desforra desencadeada pelo mundo humanizado, o qual, por essa via, visa alcançar uma contenção temporária da influência manifesta das forças do caos (doença, dissolução e morte). Nessa medida, o mar, a montanha e o alto pinheiral surgem neste espólio de medicina popular como afins à noção de ‘paisagens do medo’ (TUAN 1979: 6-8). Efectivamente, através do ritual mágico-terapêutico, as pessoas afrontam os males personalizados (traço de antropomorfização da natureza) com vista a restaurar e a reforçar as fronteiras necessárias para a protecção física e a defesa mágica da integridade da comunidade, dos corpos e dos lares (TUAN 1979: 206).

Por outro lado, a mentalidade pré-moderna é consentânea com uma natureza materialmente pouco dominada – prévia à realidade moderna de um planeta completamente humanizado ou afectado pela actividade humana. Enquanto para uma mentalidade pré-científica, as áreas selvagens são o símbolo de um poder demoníaco (fonte de intrusões maléficas) fora do controlo humano, para a modernidade técnico-científica, elas tendem a ser vistas menos como possuídas por uma vontade nociva para a humanidade e mais como uma frágil teia de vida requerente de protecção e cuidado humanos (TUAN 1979: 212).



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Gomes de; GUIMARÃES, Ana Paula & MAGALHÃES, Miguel (Eds.) (2009). *Artes de Cura e Espanta-Males – Espólio de Medicina Popular recolhido por Michel Giacometti*. 1ª ed. Lisboa: Gradiva. ISBN: 978-989-616-340-2.

ARAÚJO, Alceu Maynard (2004). *Medicina Rústica*. 3ª ed. S. Paulo: Martins Fontes.

RIBEIRO, Carlos Augusto (2013). ‘Não Corto Carne, Eu Corto e Retalho Bicho’. *Cerrados – Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura: Cultura popular, oralidade e performance*, v. 22, n. 35, pp. 85-96 (e-ISSN 1982-9701) Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/issue/view/1251>

RIBEIRO, Carlos Augusto (2018). “Vender, Trocar, Doar, Roubar e Especular em Contos Portugueses de Adolfo Coelho” in *Revista de Estudos do Centro de Estudos Interculturais do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto*. (ISBN: 978-989-768-459-3).

TUAN, Yi-Fu (1979). *Landscapes of Fear*. Minneapolis: University of Minnesota Press. (ISBN: 978-08888166-88459-5).

VASCONCELLOS, J. Leite (1986). *Tradições Populares de Portugal* (organização e apresentação de Manuel Viegas Guerreiro). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.